

Braga, R.*

*Conscienciólogo, professor de Metodologia Científica e Presidente da Sociedade de Pesquisas da Consciência.

Unitermos:

Interdisciplinaridade
Pesquisa Científica
Paradigma Consciencial
Conscienciológica

Key-words

Interdisciplinarity
Scientific Research
Consciencial Paradigm
Conscienciology

A Interdisciplinaridade na Pesquisa Conscienciológica

The Interdisciplinarity approach of Conscienciology Research.

Resumo:

O caráter de complexidade e abrangência presentes no objeto de estudo da Conscienciológica, exige o estabelecimento de determinados critérios, tanto a nível metodológico, quanto epistemológico, que possam nortear as pesquisas nesta área. A metodologia convencional restringe a pesquisa conscienciológica, demandando uma revisão em seus conceitos, que culminará, possivelmente, com a estruturação de uma "espécie" de metodologia conscienciológica, sobre a qual, o presente artigo pretende contribuir. A interdisciplinaridade tem se mostrado, até então, como o movimento de maior abertismo no meio científico, possibilitando, a partir dela, a superação de alguns obstáculos enfrentados pela Conscienciológica nas lides acadêmicas, para estabelecer-se integralmente como ciência.

Abstract:

The complexity and broad features of Conscienciology's object of study demands the establishment of certain criterions, both at methodological and epistemological levels which may guide researchs into this field. Conventional methodology restricts conscienciological research, requiring revision of its concepts, that will culminate in, possibly, a structuring of "some sort" of conscienciological methodology, which about this article is intended to contribute. Interdisciplinarity approach has been shown, up to now, as the most opening movement in scientific community, bringing the possibility to, from it on, overcome some obstacles faced by Conscienciology in academic works, in order to completely establish it as a science.

A CONSCIENCIOLOGIA

O estudo da Consciência é o maior desafio da ciência na atualidade. A Consciência é o princípio inteligente, organizador, entálpico e integrado, o centro unificador da psique. A nossa atual personalidade atuante na vida intrafísica, representa apenas um reflexo da nossa Consciência - portadora de inúmeras potencialidades, não manifestas na íntegra, pela estrutura holossomática do ser. O nosso eu atual é apenas o nível manifesto da nossa Consciência, dentro da lucidez e maturidade atingidos neste momento evolutivo.¹

Integrar a realidade da Consciência com os fenômenos físicos e químicos do universo é tarefa difícil e complexa. A ciência convencional ainda não encontrou a interface entre o pensamento humano e os acontecimentos físicos. Entretanto, os efeitos destas interconexões estão presentes no nosso dia-a-dia e não podem ser ignorados ou desprezados. Devem ser pesquisados e estuda-

dos com toda a instrumentalidade disponível no momento.¹

Em uma ciência onde o observador é da mesma natureza que o objeto, como no caso da Conscienciológica, dá-se que ele, o observador, passa a ser parte importante da sua observação. Isto torna a pesquisa conscienciológica mais complexa que as demais pesquisas científicas, exigindo um nível de criteriosidade muito maior para a obtenção de razoável grau de precisão e acurácia.

Um dos maiores desafios na Pesquisa Conscienciológica é alcançar uma interrelação dos seus conceitos teóricos com a base de conhecimentos melhor estabelecida pela ciência na atualidade, pois isto evitaria que a teoria ficasse "ilhada", dando a ela oportunidade de ser testada. A interdisciplinaridade, que vem aproximando e rompendo as fronteiras disciplinares, está possibilitando que, pouco a pouco, a ciência convencional descubra

maneiras, técnicas e procedimentos que a permitam aproximar-se mais dos fenômenos da consciência.

A PESQUISA CIENTÍFICA

Uma pesquisa científica independente da metodologia empregada, implica em basicamente três questões, segundo.²

- a) a existência de uma pergunta que se deseja responder (problema);
- b) a elaboração ou a utilização (bem como a descrição) de um conjunto sistematizado de passos que permitam obter a informação necessária para respondê-la;
- c) a indicação do grau de confiabilidade e abrangência da resposta obtida.

Todo modelo metodológico contempla estes itens citados, de forma que será o referencial teórico, condicionado por pressupostos epistemológicos, que determinará a escolha do método e as características da pesquisa. Em outras palavras, a metodologia é apenas um filtro pelo qual o pesquisador limita a abrangência de sua pesquisa.

Não há sentido em discutir-se a metodologia fora do contexto teórico em que ela se encontra. Durante muito tempo cometeu-se o erro de associar a metodologia exclusivamente a procedimentos de coleta de informações, categorizando que tipo de procedimento pertencia a este ou aquele método. No entanto, procedimentos iguais podem ser aplicados a metodologias diferentes, pois será a conclusão obtida pela transformação da informação coletada em dados e a maneira como foi elaborada esta transformação que caracteriza o método empregado, ou seja, este "recorte" da realidade se dá através dos procedimentos empregados, mas de conformidade com o método adotado, devendo garantir coerência e adequação.

Portanto, qualquer tentativa de confronto com a metodologia empregada em uma pesquisa só fará sentido se considerado os objetivos da pesquisa, a capacidade de explicação do referencial teórico e a sua adequação com a interpretação dos resultados obtidos. Desta forma, o grau de confiabilidade das respostas e conclusões obtidas em uma pesquisa só poderá ser avaliada a partir de seu próprio referencial teórico-metodológico, caso contrário corre-se o risco de se criticar uma pesquisa por não se ter feito da maneira como o seu crítico a faria (aliás, este acontecimento é relativamente comum no meio acadêmico).^{1,2}

Aumenta a cada dia o nível de complexidade da investigação científica, principalmente pelo enorme

número de informações presentes em qualquer área e pela dificuldade de contextualização destas informações. Há, ainda, muitas falhas que refletem um certo grau de imaturidade presente no modelo científico convencional, tais como:

- a falta de interdisciplinaridade na pesquisa;
- a crise da falta de fundamentos para com o conhecimento produzido pelas pesquisas científicas protocolares;
- o limitado desenvolvimento do espírito crítico;
- a incapacidade que a ciência tem de pensar sobre si mesma de modo científico;
- o "establishment" científico que criou um sistema de credenciamento do saber através de "filtros", como diplomas e títulos (M.D., Ms.C., Ph.D.), maneiras de assegurar um compromisso ideológico dentro de uma estrutura de poder, mistificando o conhecimento e dificultando a sua renovação;
- a manutenção de "crenças" científicas sustentadas pela autoridade;
- a dependência cultural dos interesses econômicos;
- o personalismo acadêmico e o corporativismo científico;
- crença de que a verdade é absoluta, objetiva e existe independente do sujeito cognoscente;
- O excesso de sub-especializações que divide ao infinito o território do saber, para que cada cientista ocupe, como proprietário exclusivo e privado, seu minifúndio de saber, ao qual se apegam com tremenda vaidade. O especialista, atualmente, está se tornando uma ilha de saber, cercada por um oceano de ignorância;³
- admissão da percepção sensorial como fonte básica do conhecimento da verdade;
- a-historicidade e descontextualização dos fenômenos estudados;
- compreensão do conhecimento apenas de forma linear e sequencial;
- necessidade de uma "falsa-garantia" de objetividade, ao distanciar e isolar o observador do objeto observado;
- uso excessivo de parâmetros quantitativos para a apreensão de uma realidade eminentemente qualitativa;
- exagero na aplicação da lógica dedutiva, incorrendo muitas vezes em conclusões falsas baseadas em premissas verdadeiras e vice-versa.
- a nossa incapacidade de conhecer, senão por representações e símbolos, o que torna incerta a natureza profunda da realidade;

- o “ruído” inerente a toda transmissão de informação, que degrada a mensagem transmitida. Um determinado nível de “ruído” já está presente desde o momento em que a percepção é decodificada no cérebro;
- a fragilidade do empirismo, ao basear-se apenas na realidade captada pelos sentidos, considerando apenas um limitado estado de Consciência - que é o da vigília;
- a não observância do estado de lucidez da Consciência no momento da apreensão da idéia;
- a presença de componentes ilusórios e alucinatorios na percepção;
- a seletividade da representação do objeto;
- as instabilidades dialógicas entre os dois hemisférios cerebrais e do problema do predomínio da especialização lateralizada;
- a insuficiência da lógica;
- a própria natureza das teorias, que são, em essência, incertas por não poderem excluir a possibilidade de refutação;
- as interferências inconscientes entre o pensamento empírico/racional e o pensamento simbólico/mitológico;
- as influências socioculturais, doutrinárias, ideológicas e paradigmáticas inerentes a todo o conhecimento;
- o uso excessivo e incauto da dedução, que permite tirar conclusões lógicas e corretas baseadas em premissas falsas;
- a multiplicidade complexa do ser cognoscente;

Outro problema do academicismo diz respeito ao método científico, que na verdade é apenas um conjunto de critérios sistematizados utilizados na construção do conhecimento científico, havendo portanto, praticamente tantos métodos quantos forem os problemas analisados. Ele representa a mediação entre o pensamento e o objeto, não existindo portanto o método sem o objeto, e a natureza deste é que definirá as características do método. No entanto, o que ocorre na prática científica acadêmica hoje, é uma inversão de valores, onde o conhecimento é produto do método, e não o contrário, como seria de se esperar.

A nossa cultura positivista e reducionista está tão arraigada na mente da comunidade científica, que é comum confundir o paradigma com o método em si, passando a só considerar como científico aquilo que se origina desta maneira de pensar.

Os questionamentos de Karl Popper se voltam ao problema clássico da indução, onde duas questões são elucidadas: como é possível a elaboração de uma teoria

científica a partir de observações em número sempre finito? Como é possível o estabelecimento da verdade de uma teoria (sua aplicabilidade a uma infinidade de casos) apoiando-se apenas em bases observacionais?⁴

Sua preocupação epistemológica diz respeito à elucidação do valor das teorias científicas, isto é “ao grau de confiança que podemos depositá-las, em função dos dados empíricos de que podemos dispor”.⁴

Nos estudos de Popper selecionam-se alguns pensamentos referentes às leis e teorias científicas, os quais vão nortear a sua epistemologia racionalista-crítica, que são:

- a) todas as leis e teorias científicas são, em sua essência, hipotéticas e conjecturais;
- b) as teorias científicas são livres criações do espírito, como o resultado de uma tentativa feita para compreender-se intuitivamente as leis da natureza;
- c) nas ciências não há indução, em consequência, não existe o problema filosófico do fundamento da indução.

Na filosofia das ciências de Karl Popper sua posição contrária ao princípio do empirismo é evidente; para ele a fundamentação maior consiste no verificacionismo epistemológico das teorias científicas. Popper dá primordial importância à idéia segundo a qual uma teoria científica só tem valor quando pudermos demonstrar que ela é falsa.

Em suma, a epistemologia de Popper pode caracterizar-se como uma crítica constante às concepções científicas já existentes, tentando sempre instaurar novas hipóteses ou conjecturas ousadas, a fim de atingir a explicação científica, jamais definitiva, mas sempre aproximada.

A INTERDISCIPLINARIDADE

São muitas as evidências históricas que demonstram que as mudanças na forma de pensar da humanidade e os alicerces do conhecimento científico atual, foram produtos de práticas interdisciplinares em sua essência. Como exemplo desta afirmativa pode-se lembrar que grandes conquistas e descobertas científicas se deram por pessoas de outras especialidades do saber. Descartes não era matemático, mas criou um modelo matemático cartesiano; Leibnitz, o criador do cálculo infinitesimal era diplomata; Lavoisier era coletor de impostos; Fechner, criador da psicofísica, era botânico; Pasteur, que abalou o modelo médico da época, com a sua teoria microbiana, era químico e não médico; e finalmente, Einstein era

engenheiro de patentes em Berna, quando desenvolveu a sua teoria geral da relatividade.⁵

A diversidade e a complexidade de fatores correlacionados à interdisciplinaridade torna impossível uma definição simplista da mesma, necessitando que se contextualize o conceito dentro do referencial e da realidade onde está sendo aplicado.

Devido à confusão no uso de certos termos, como: multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, algumas definições se fazem necessárias:

Pluridisciplinares são aqueles empreendimentos científicos em que diversos especialistas, sem abrirem em nada mão da sua especificidade, concorrem para a descrição de um mesmo objeto sob variados enfoques. Eles não criam um novo objeto, mas lhe agregam valores novos, de certa forma o enriquecem, sem que, no entanto, cada uma das ciências participantes desses empreendimentos saís deles alterada na sua estrutura, nos seus métodos ou nos seus limites.⁶

Interdisciplinares são as experiências em que a colocação do objeto na fronteira de duas ou mais ciências as obriga a somarem seus esforços para, *redefinindo* o objeto, criarem uma nova perspectiva científica: assim a biofísica, a bioquímica, a física-matemática, a biosociologia. Trata-se, pois, de movimentos em que os limites das especialidades são ampliados e redefinidos, mas não agredidos.⁷

Transdisciplinaridade, por sua vez, representaria o resultado do movimento interdisciplinar, ou seja, o encontro de várias áreas do conhecimento em torno de uma axiomática comum. O primeiro a utilizar este termo foi Jean Piaget, que o considerava como um passo a mais do que a interdisciplinaridade, ou seja, além da integração e síntese entre as disciplinas, ela busca a identificação da interdependência dos axiomas interdisciplinares. Ela é, na verdade, o resultado final de um trabalho interdisciplinar, quando ele dá certo.

A transdisciplinaridade é uma tentativa de apreensão da dinâmica da realidade enquanto totalidade. É um ideal que dificilmente será alcançado, mas que deverá sempre nortear a evolução da ciência. Em outras palavras, poder-se-ia considerar a transdisciplinaridade uma evolução ao fim da qual a interdisciplinaridade abrange rá, não mais algumas disciplinas, mas a ciência por inteiro.

Multidisciplinaridade, ora é vista como sinônimo de pluridisciplinaridade, ora como sendo algo mais do que esta, envolvendo um caráter complementar entre as várias disciplinas envolvidas, ora é vista como o conjunto de todas as disciplinas (pluri, inter e trans).

Talvez o mais corrente seja a sua utilização enquanto sinônimo de pluridisciplinaridade.

A questão do Paradigma

A ciência enfrenta atualmente o que talvez possa ser considerado o seu momento mais crítico, demonstrado pelas inúmeras divergências e incertezas que povoam as lides acadêmicas. Este momento tem sido descrito por muitos como o da crise das teorias, crise dos modelos e crise dos paradigmas.

No entanto, a interdisciplinaridade, por suas múltiplas perspectivas, não pode e não toma como base nenhum paradigma específico, analisa-os em sua provisori-idade e limitações e transcende-os na sua operacionalidade. Esta característica própria da interdisciplinaridade poderia ser melhor designada como de aspecto transparadigmático.

O conflito paradigmático entre a objetividade *versus* a subjetividade tem reaproximado as questões existenciais do universo científico e acadêmico. De acordo com a visão sistêmica do mundo, conceitos diferentes mas mutuamente coerentes podem ser usados para descrever diferentes aspectos e níveis da realidade, sem que seja necessário reduzir os fenômenos de qualquer nível ao de um outro.⁸

A questão da epistemologia

A interdisciplinaridade retoma, de forma natural e espontânea, a questão da dicotomia entre ciência/existência, "obrigando" que as suas pesquisas revisitem as discussões epistemológicas mais fundamentais e os impasses vividos pela ciência atualmente.

A epistemologia é o alicerce para que o homem possa tomar uma autêntica consciência de si, verdadeiramente apta a fazê-lo superar a alienação em que se encontra em face do tipo de racionalidade científica atual. O saber, a ciência e a epistemologia são instrumentos afins direcionados para o aprimoramento do homem na jornada do conhecimento. Importante se faz definir e exemplificar estes três instrumentos, para assim situá-los na interligação com a interdisciplinaridade.

Entre tantas definições sobre epistemologia, cita-se que no vocabulário de Lalande esta concepção tradicional de epistemologia é considerada como filosofia das ciências, sendo então o "estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências".⁹

A epistemologia não apresenta a função de impor dogmas aos cientistas, seu papel é de estudar a gênese e a estrutura dos conhecimentos científicos, pesquisando as leis reais de produção destes conhecimentos. Daí o seu

caráter interdisciplinar. E como as ciências nascem e evoluem em circunstâncias históricas bem determinadas, cabe à epistemologia perguntar-se pelas relações existentes entre a ciência e a sociedade, entre a ciência e as instituições científicas, e entre as diversas ciências.

A epistemologia, enquanto atitude que desenvolve o conhecimento e a exploração da natureza do saber no interior de um dado paradigma, sob a égide da interdisciplinaridade, assume uma característica hermenêutica - uma atitude que se abre ao encontro e à interpretação de novos paradigmas.

“Nesta sociedade pós-moderna em que vivemos, dominada por uma vertiginosa circulação de informações, esta capacidade hermenêutica torna-se cada vez mais decisiva, ainda mais decisiva do que a competência científica ou técnica.”¹⁰

A Interdisciplinaridade na pesquisa científica

A complexidade do universo constatada a partir de determinados recursos contemporâneos, permite identificar níveis de abordagem (complexa, não-linear, quântica, relativística, cósmica, entre outras) que obedecem a lógicas distintas, que nem a mecânica newtoniana nem a termodinâmica tradicional são suficientes para explicar. Reconhecer outros “tipos” de lógica em uma pesquisa não a remete para qualquer irracionalismo. Muito pelo contrário, o fato de integrar parâmetros como o imaginário, o onírico e o vivencial, pode ser sinônimo de um “racionalismo” mais complexo e completo, ou talvez até o que Fourier chamava de “hiperracionalismo”, pois nestes casos, a coerência entre os elementos citados nunca é perdida.¹¹

As teorias do caos explicitam uma ordem oculta por trás de uma aparente desordem, evidenciando reações complexas, através dos quais os sistemas considerados sensíveis respondem a estímulos menores, lembrando do clássico exemplo de Lorenz mostrando que “o bater das asas de uma borboleta pode provocar um furacão”¹². Prigogine, através da sua teoria sobre estruturas dissipativas, observou a formação de uma nova ordem singular resultante da complexificação da matéria sob efeito da propagação e recepção de energia.¹³ Lovelock, a partir da hipótese gaia, demonstrou que o planeta terra era um imenso “ser vivo”, no sentido de possuir um complexo sistema auto-regulador responsável pela manutenção do seu equilíbrio.¹⁴ D’Espagnat, Golovanov e Bohm, através das suas teorias da não-separabilidade, do englobante universal e da ordem implicada respectivamente, demonstraram que o objeto científico não é mais imutável, absoluto, mas se torna relativo à múltiplos

parâmetros que definem simplesmente uma possibilidade.¹⁵

Difunde-se hoje, nos bastidores das pesquisas interdisciplinares, o conceito de *disciplina complexa*. Este conceito nasceu de outro ainda mais profundo, que o do *pensamento complexo*, que encontra na dialética hegeliana a sua essência e nas inteligentes descrições de Edgar Morin, em muitas de suas obras, a sua aplicabilidade. Segundo PORTELLA¹⁶, o termo disciplina complexa constitui um sintagma deliberadamente ambíguo. “Diz-se do trabalho disciplinar que, para corresponder à diversidade do real, deve ser múltiplo, adotando a complexidade como exigência do saber livre”. Dentro desta complexa trama pode-se considerar que o pensamento organiza a realidade, que o reorganiza.

No âmbito do pensamento e da disciplina complexa, têm-se presente a noção da necessidade de se trabalhar com a incerteza. Não a incerteza sinônimo de vacilação, mas a incerteza ativa, perquiridora, participativa nos questionamentos, nas descobertas e redescobertas.

A complexidade da disciplina reside na também complexidade do seu objeto-sujeito, de tal forma que a aceitação desta complexidade implica na renúncia da completude, da certeza absoluta e na pré-determinação da realidade, tão difundida pela política de resultados que predomina nas lides acadêmicas.

A leitura dos sistemas complexos não rejeita a abordagem analítica convencional, mas se propõe a apreender os aspectos do real que escapam a esta última. A visão dos sistemas complexos substitui a imagem estática e acabada dos mecanismos convencionais, pela perspectiva dinâmica de um mundo em contínua criação.

Um sistema complexo não pára de se formar, de se degradar, de se reconstruir e de co-evoluir em interdependência com os demais sistemas correlacionados a ele. O Todo de um sistema complexo não se encontra hierarquicamente estruturado, mas sim organizado em rede, numa complexa trama de interconexões. Sua abordagem demonstra que todos os níveis de organização no interior de um sistema devem ser levados em conta simultaneamente em sua interdependência e em sua especificidade.

Considerar os diferentes níveis de organização dos sistemas, respeitando sua especificidade e levando em conta a sua dinâmica de funcionamento, refletirá em uma abordagem interdimensional e interdisciplinar dos sistemas. Qualquer abordagem que não considere este todo é mera prática reducionista, desprovida de real valor.

Uma das maiores diferenças de concepção metodológica, está em que na interdisciplinaridade, o que importa não é tentar explicar as causas das ações e representações dos indivíduos sob determinada situação de vida,

mas compreendê-las a partir da forma como elas ocorrem.

Obstáculos da Pesquisa Interdisciplinar e Conscienciológica

Devido ao desconhecimento generalizado das reais características da interdisciplinaridade, presente ainda no meio acadêmico, mas impulsionados pelo propósito, nem sempre sincero, de inovar e melhorar, muitos trabalhos e pesquisas são realizadas sob a designação de interdisciplinares, quando na verdade, são apenas uma justaposição de textos e informações sem maiores relações entre si, contribuindo para a precariedade e o caráter conflituoso do conjunto. Os exemplos mais comuns nestes casos, acontece quando um especialista em ciências sociais, por exemplo, é convidado para escrever um capítulo de um livro sobre medicina. Na melhor das hipóteses, o capítulo escrito pelo sociólogo ficará totalmente descontextualizado, perturbando a lógica do conjunto. Obviamente não se pode chamar isto de interdisciplinaridade.

O conservadorismo da estrutura disciplinar tem como aliados, na refratariedade às práticas e pesquisas interdisciplinares, o patrulhamento ideológico acadêmico e a comodidade do dogmatismo de pensamento presente nesta mesma estrutura.

A segurança gerada pela elaboração de um trabalho dentro de uma disciplina bem delimitada e estritamente balizada, em contrapartida a "falsa-insegurança" do trabalho interdisciplinar, faz com que o pesquisador evite se expor a maiores graus de incertezas, que o deixariam com grande vulnerabilidade, à mercê de críticas de diversas ordens.

Dentro do âmbito institucional, ao que parece, grande parte da verdadeira função das disciplinas, que seria ampliar o seu domínio de conhecimento, foi pervertida e convertida numa espécie de patrulhamento científico, fornecendo atestados de legitimidade em conformidade com os seus ditames e enunciados. Transitar, em uma pesquisa, por duas ou mais disciplinas, coloca o pesquisador na difícil situação de exposição a várias censuras frente à "lei" de cada disciplina.

Um outro obstáculo, desta vez intelectual, ao desenvolvimento e à aproximação interdisciplinares reside na dificuldade que existe em se fazer prevalecer as investigações sintéticas geralmente suspeitas de contaminações filosóficas ou de desvios especulativos. Como ponderou FAURE¹⁷ sobre este assunto: "Na grande competição internacional a que se lançam os pensadores, a análise é a prova reinante e tudo concorre para o seu prestígio. Assim, na literatura científica que trata dos

homens e das sociedades, não é raro se encontrar análises sobre análises de análises. Conseqüentemente, os trabalhos de orientação sintética aparecem, seja como ilegítimos em relação aos valores dominantes no meio científico, seja como excessivamente difícil de serem produzidos, já que supõem uma múltipla especialidade. Enquanto a síntese e a análise continuarem sendo pensadas em termos de exercícios antagonistas, a interdisciplinaridade permanecerá como um esforço de exceção."

Muitas outras barreiras intelectuais deverão ser transpostas para que a interdisciplinaridade alcance a efetivação do seu saber nas lides científicas. Outra, ainda, destas barreiras é a que diz respeito ao descrédito ontológico que determinadas pesquisas suscitam, apenas por não serem passíveis de quantificação, ou seja, que os fenômenos pesquisados são passíveis de serem observados, mas não de serem mensurados, o que é relativamente comum nas ciências sociais, humanas e na própria conscienciológica.

A PESQUISA CONSCIENCIOLOGICA

O questionamento do conhecimento não significa nem supõe que sempre se tenha que duvidar ou discordar dele. Questionar é uma atitude muito mais abrangente, envolvendo exercícios de análise e síntese, num universo de contradições e não-contradições, possibilitando ao homem o reconhecimento ou não de sua veracidade, a qual, em último caso, jamais será absoluta.

Apresenta-se, aqui, algumas características comparativas entre o pensamento científico convencional e o conscienciológico.

A pesquisa Conscienciológica demanda uma contínua e interminável elaboração do conhecimento, de tal forma que não há um método ou procedimento que se adapte especificamente e na totalidade a este processo, restando a necessidade de se estabelecer uma metodologia, a menos mutilante possível, que permita estabelecer o diálogo entre conhecimentos dispersos, fazendo-os desembocar numa compreensão da realidade o mais globalizadora possível. "Para tanto, o operador do conhecimento deve tornar-se, ao mesmo tempo, o objeto e o agente do conhecimento."¹⁸ Ou ainda, os verdadeiros métodos e procedimentos conscienciológicos não são técnicas prontas em si, porém **uma seqüência de processos orientados por uma atitude crítica e aberta**. A partir disto, pode-se considerar até a propriedade de denominar-se a esta complexa e flexível maneira de abordar o problema, de "**Metodologia Conscienciológica**".

A consistência, originalidade, aplicabilidade e propriedade do método conscienciológico consiste exata-

mente na dinâmica pela qual está organizado, permitindo com que diferentes procedimentos e técnicas interajam coerente e criteriosamente.

A metodologia conscienciológica deve compreender um conjunto de estruturas onde diferentes ramos do saber poderão coexistir num estado de interação dinâmica, interação que suscitará por sua vez uma transformação contínua do produto do conhecimento, que neste caso, estes produtos integrados deverão ser considerados como processos e não como acontecimentos.¹⁹

Partindo-se do pressuposto de que uma epistemologia conscienciológica requeira uma metodologia própria, esta nunca poderá ser final, pois deverá estar envolvida de uma série de concepções e premissas que assegurem a manutenção do abertismo, flexibilidade e criticidade, entre elas:

- o método conscienciológico deve conceber um discurso interdisciplinar, onde seja contemplada a complexidade dos processos de questionar e pesquisar;

- utiliza-se de múltiplos procedimentos e técnicas de pesquisa, na busca de alternativas para conhecer mais e melhor;
- “permite o procedimento contra-indutivo, recorrendo a hipóteses que contradizem teorias confirmadas e/ou resultados experimentais bem estabelecidos”.²⁰
- possui uma ética (cosmoética) e uma estética própria, dimensionando o seu universo de pesquisas;
- busca o diálogo com outras formas de conhecimento e com outras metodologias, deixando-se interpenetrar por elas;
- Tem seu grau de cientificidade conferido pela excelência da argumentação, criteriosidade nos experimentos, sistematização nas análises e pela explicitação e clareza na formulação de questões e perguntas.

O PENSAMENTO CIENTÍFICO CONVENCIONAL	O PENSAMENTO CIENTÍFICO CONSCIENCIOLÓGICO
• É unidimensional	• É interdimensional
• É a-ético	• É cosmoético
• É linear	• Considera a linearidade e a não-linearidade
• Centrado nos dados	• Centrado no conjunto
• Visão fragmentária	• Visão unificadora
• Ênfase no quantitativo	• Integração do quantitativo ao qualitativo
• Exige exatidão	• Permite flexibilidade
• Lógica da não-contradição	• Integração da dialética da contradição
• Causalidade determinística	• Transcausalidade e Sincronicidade
• Não considera a interferência do sujeito	• Inclui no modelo a interferência do sujeito
• Predomínio da análise	• Síntese e análise como métodos complementares.
• Absolutismo da percepção	• Relativismo da percepção
• Atua com o conhecimento descontextualizado da realidade do ser cognoscente	• Contextualiza o conhecimento na realidade existencial do ser cognoscente
• É neofóbico	• É neofílico
• Compreensão etnocêntrica	• Compreensão universalista
• Busca apenas explicar	• Busca explicar e compreender
• É um sistema fechado	• É um sistema aberto

- caracteriza-se pelo dinamismo no argumentar e questionar, buscando sempre uma “significação” para o conhecimento, dentro de um exercício maiêutico que se retroalimenta;
- prima pela liberdade científica e pela humanização do saber;
- busca uma contextualização social e pragmática para o conhecimento aprendido;
- aceita o erro e a incerteza como inerentes ao processo da construção do conhecimento, almejando alcançar um equilíbrio entre a objetividade e a subjetividade no trato com o mesmo;

A análise de um trabalho conscienciológico pelos métodos convencionais de redução do seu todo em partes menores para melhor apreciação, tem pouco valor, uma vez que todos os seus aspectos são interdependentes. Eles não têm significado próprio e sim no contexto de que fazem parte.

Inevitavelmente, a metodologia conscienciológica acabará por transgredir os procedimentos unidirecionais voltados a busca imediata de resultados, presentes nas práticas convencionais, buscando uma atitude diferenciada perante o conhecimento. Muitas das grandes descobertas científicas estão ligadas à violações de regras metodológicas.

CONCLUSÃO

No enfoque epistemológico da interdisciplinaridade, a questão do conhecimento toma nova forma, passando-se a considerar não mais apenas o conhecimento refletido e pensado, mas também e principalmente, o conhecimento vivenciado, percebido, sentido e integrado na essência do ser - que, de certa forma, é a essência da pesquisa conscienciológica.

Desta maneira, a interdisciplinaridade pode fornecer a sustentabilidade para a obtenção da síntese do conhecimento, que não se dá apenas pela integração do conhecimento, mas pela associação dialética deste conhecimento.

A Conscienciológica não necessita tornar-se interdisciplinar, ela é, por natureza, uma ciência interdisciplinar.

O paradigma consciencial traz em suas bases diversas teorias, a maioria delas oriundas dos experimentos com Estados Alterados da Consciência. Aos poucos este paradigma consolida sólidas bases epistemológica, gnosiológica e metodológica, sendo que até o presente momento, não pode ser refutado nem pela experimentação, dedução ou pela lógica dialética, ao contrário, tanto um como outro vêm, gradativamente, aumentando o grau de corroboração científica das teorias dele emanadas.¹

Este paradigma traz em seu bojo, como consequência, inúmeras hipóteses científicas, tais como:

- a da existência do hiperespaço multi e interdimensional;
- a da possibilidade da manifestação do pensamento humano independente do mecanismo cerebral;
- a da possibilidade da intercomunicação consciencial através de processos parapsíquicos;
- a da existência de metaorganismos de manifestação da Consciência, além do corpo físico;
- a da objetividade dos fenômenos das Projeções da Consciência (Experiências fora do corpo e Experiências da quase-morte);
- influência de fatores paragenéticos (pluriexistenciais), além da hereditariedade e da mesologia, na formação do embrião humano, entre outras.

Das auto e heteropesquisas da Consciência e seus estados alterados, utilizando como instrumental principal a própria Consciência, saem as informações e os conhecimentos consensuais para o estabelecimento das bases científicas e teorias-chaves que formam a ciência da Consciência (Conscienciológica). Nada substitui a criatividade do pesquisador.²¹

BIBLIOGRAFIAS REFERENCIADAS

1. BRAGA, Ryon. *Integração Terapêutica: Uma proposta transdisciplinar com base nas pesquisas da medicina e psicologia da consciência*. Londrina: Universalista, 1995. 157p.
2. LUNA, Sérgio V. de. O falso conflito entre tendências metodológicas. In FAZENDA, Ivani [Org.] *Metodologia da pesquisa educacional*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994. 174p.
3. JAPIASSU, Hilton. A atitude interdisciplinar no sistema de ensino. Rio de Janeiro: *Rev. Tempo Brasileiro*. v.108, jan./mar., pp.83-94, 1992.
4. POPPER, Karl R. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1972. 567p.
5. DURAND, Gilbert. Multidisciplinaridade e Heurística. Rio de Janeiro. *Rev. Tempo Brasileiro*, v.113, abr./jun., pp.59-74, 1993.
6. GRINOVER, Lúcio. *Apontamentos sobre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade*. Conferência realizada na Reunião Técnica sobre Políticas e Estratégias de Educação Ambiental da Universidade Livre do Meio Ambiente. Curitiba, 27 de outubro de 1993.
7. D' AMARAL, Marcio Tavares. Esboço inicial de uma genealogia da transdisciplinaridade. Rio de Janeiro: *Rev. Tempo Brasileiro*. v.108, jan./mar., pp.95-106, 1992.
8. CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. [The turning point] trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982, 447p.
9. JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. 187p.
10. VATTIMO, Gianni. A educação contemporânea entre a epistemologia e a hermenêutica. Rio de Janeiro. *Rev. Tempo Brasileiro*, v.108, jan./mar., pp.09-18, 1992.
11. MAFFESOLI, Michel. Sociedades complexas e saber orgânico. Rio de Janeiro, *Rev. Tempo Brasileiro*, v.108, jan./mar., pp.46-60. 1992.
12. GLEICK, James. *Caos: a criação de uma nova ciência* [Caos: making a new science] trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1990. 310p
13. PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *Order out of chaos: man's new dialogue with nature*. New York: Bantam Books, 1984. 368p.
14. LOVELOCK, James. Gaia: um modelo para a dinâmica planetária e celular. In THOMPSON, William Irwin [Org.] *Gaia: uma teoria do conhecimento*. [Gaia: a way of knowing] trad. Silvio Cerqueira Leite. São Paulo: Gaia, 1990. 203p.
15. SHELDRAKE, Rupert. *A new science of life*. London: Blond & Briggs, 1981. 385p.
16. PORTELLA, Eduardo. A disciplina complexa. Rio de Janeiro. *Rev. Tempo Brasileiro*, v.113, abr./jun., pp.05-08, 1993.
17. FAURE, Guy Olivier. A constituição da interdisciplinaridade. Rio de Janeiro. *Rev. Tempo Brasileiro*, v.108, jan./mar., pp.61-68, 1992.
18. MORIN, Edgar. *O método III. O conhecimento do conhecimento*. Lisboa: Europa-América, 1987. 229p.
19. SOMERVILLE, Margaret A. Transdisciplinaridade, onda do futuro: como preparar nossas praias. *Rev. Tempo Brasileiro*, v.113, abr./jun., pp.75-96, 1993.
20. FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. [Against method] trad. Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. 488p.

21. VIEIRA, Waldo. **700 Experimentos da Conscienciologia**. Rio de Janeiro: IIPC, 1994. 1058p.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. BOCHNIAK, Regina. **Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola**. São Paulo: Loyola, 1992. 147p.
2. BOHM, David. **Totalidade e a ordem implicada: uma nova percepção da realidade**. São Paulo: Cultrix, 1980. 292p.
3. DA MATTA, Roberto. Reflexões sobre interdisciplinaridade: uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro. **Rev. Tempo Brasileiro**, v.113, abr./jun., pp.35-58, 1993.
4. DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação**. São Paulo: Vozes, 1993. 272p.
5. FAZENDA, Ivani Catarina Arantes [org.]. **Práticas interdisciplinares na escola**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1993. 147p.
6. _____. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro**. Efetividade ou ideologia. São Paulo: Loyola, 1979. 153p.
7. _____. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1994(a). 143p.
8. _____. [Org.]. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1994(b). 174p.
9. GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. [Multiple Intelligences: the theory in practice]. trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 257p.
10. GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 1990. 126p.
11. GIRARDOT, Rafael Gutiérrez. Obstáculos à institucionalização da pesquisa interdisciplinar. Rio de Janeiro. **Rev. Tempo Brasileiro**, v.113, abr./jun., pp.09-12, 1993.
12. GRECO, Milton. **Interdisciplinaridade e revolução do cérebro**. 2.ed. São Paulo: Pancast, 1994. 172p.
13. GUATTARI, Félix. Fundamentos ético-políticos da interdisciplinaridade. Rio de Janeiro. **Rev. Tempo Brasileiro**, v.108, jan./mar., pp.19-26, 1992.
14. GUSDORF, Georges. Passado, presente e futuro da pesquisa interdisciplinar. Rio de Janeiro. **Rev. Tempo Brasileiro**, v.121, abr./jun., pp.07-28, 1995.
15. _____. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 165p.
16. _____. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1975(b). 179p.
17. KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 3.ed. [The structure of scientific revolutions] trad. Beatriz Viana Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1990. 257p.
18. LYOTARD, J. F. **O pós-moderno**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. 166p.
19. MACHADO, Sinvai Zaldan Lobato. Educação: paradigma do moderno desenvolvimento. Curitiba, **Jornal Indústria & Comércio**, p.14, 03 de julho de 1996.
20. MANNHEIM, K.; PEREIRA, L.; FORACHI, M. A. **Educação e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1973.
21. _____. **O problema epistemológico da complexidade**. Lisboa: Europa-América, 1985.
22. _____. **A natureza humana: o paradigma perdido**. 4.ed. Lisboa: Europa- América, 1988.
23. NORA, Pierre. **Ensaio sobre Ego-História**. trad. Ana C. Cunha. Portugal: Edições 70, 1989.
24. OLIVEIRA, Américo Barbosa de. **A unidade esquecida: homem-universo**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989. 113p.
25. QUEIROZ, Marcos de Souza. O paradigma mecanicista da medicina ocidental moderna: uma perspectiva antropológica. **Rev. Saúde de Públ.**, São Paulo, v. 20, p. 309-17, 1986.
26. PASSET, René. Desenvolvimento durável e biosfera: abertura multidimensional ou novos reducionismos? Rio de Janeiro. **Rev. Tempo Brasileiro**, v.108, jan./mar., pp.27-48, 1992.
27. PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** 12.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
28. POPPER, Karl R.; ECCLES, John C. **O cérebro e o pensamento**. Campinas: Papyrus e UNB, 1992.
29. PURTILO, R. B. Interdisciplinary health care teams and health care reform. **J. Law. Med. Ethics.**, v. 22, n. 2, p. 121-6, summer 1994.
30. SANTOS FILHO, José Camilo dos. Estudo comparativo entre o regime seriado e o regime de matrícula por disciplina com sistema de créditos. Brasília. **Educ. Bras.**, v.11, n.23, pp.99-114, 1989.
31. SHUELL, Thomas J. Cognitive conceptions of learning. **Rev. Educat. Res.**, v. 56, n. 4, p. 411-36, 1986.
32. TRESOLINI, C. P.; SHUGARS, D. A. An integrated health care model in medical education: interviews with faculty and administrators. **Acad. Med.**, v. 69, n. 3, p. 231-6, mar. 1994.
33. WEIL, Pierre; D' AMBROSIO, Ubiratan; CREMA, Roberto. **Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento**. São Paulo: Summus, 1993. 175p.

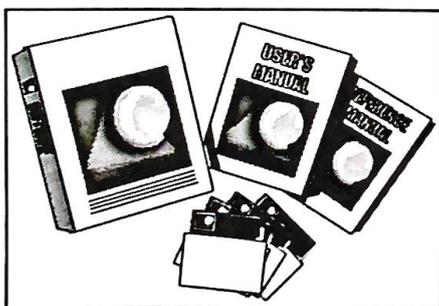
*Sociedade de Pesquisas
da Consciência*



Centro de Editoração e Publicação Gráfica

É um centro de desenvolvimento e preparação de material didático nas diversas áreas de abrangência da Conscienciologia.

O material produzido pelo CEPG é vendido por reembolso postal para todo o Brasil e Exterior.



MATERIAL PRODUZIDO:

- ◆ LIVROS DE CONSCIENCIOLOGIA
- ◆ BOLETIM INFORMATIVO DA SPC
- ◆ APOSTILA DO CURSO DE EXTENSÃO EM CONSCIENCIOLOGIA
- ◆ APOSTILA DE ACOMPANHAMENTO PARA O GRUPO DE ESTUDOS PERMANENTES EM CONSCIENCIOLOGIA
- ◆ REVISTA *CONSCIENTIA*
- ◆ MANUAL PARA A ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA
- ◆ APOSTILA DOS CURSOS DE IDIOMAS

INFORMAÇÕES: (041) 233-4447